

REPRESENTAÇÕES DA MULHER ESCRAVA EM POEMAS DE CASTRO ALVES

REPRESENTATIONS OF SLAVE WOMAN IN POEMS OF CASTRO ALVES

Júlia Maria Fernanda Machado Fernandes¹

Juarez Poletto²

Resumo

Esta pesquisa se propôs analisar os poemas “A canção do africano”; “A mãe do cativo”; “Lucia”; “*Mater dolorosa*”; “Louvor a Palmares” e “Tragédia no lar”, presentes no livro póstumo *Os escravos*, com o objetivo de identificar quais funções sociais exercia a escrava a partir da ótica do autor Castro Alves, importante poeta da Literatura Brasileira. A História Nacional Brasileira e o contexto de produção do autor durante a segunda metade do século XIX foram necessários para descrever como Castro Alves traz as representações das negras nos seis poemas. Juntamente buscou-se comparar as escravas em Castro Alves com a escrava de outros registros bibliográficos, tanto de fontes do período como de autores da nossa contemporaneidade que abordam a questão da escrava brasileira.

Palavras-Chave: História Nacional. Literatura Brasileira. Poesia. Século XIX. Castro Alves. Escravas.

Abstract

This research intends to assess the poems “The African’s Song” (A canção do africano); “The Slave’s Mother” (A mãe do cativo); “Lucia”; “Painful Mater” (*Mater dolorosa*); “Praise to Palmares” (Louvor a Palmares) and “Tragedy at home” (Tragédia no lar), present in the late book *The Slaves* (*Os Escravos*), aiming to identify which social role enslaved women played through the eyes of the author Castro Alves, an important poet in Brazilian Literature. Both the Brazilian National History and the context of the author’s production throughout the second half of the nineteenth century were necessary to describe how Castro Alves brings about the representations of enslaved women in the six poems mentioned. Along with those objectives, one tried to compare how women slaves were portrayed in Castro Alves’ work to other bibliographic registers, from sources of the same period as much as contemporary authors who tackle the issue of Brazilian slavery.

Keywords: National History. Brazilian Literature. Poetry. XIX Century. Castro Alves. Enslaved Women.

Résumé

Cette recherche s'est proposée analyser les poèmes “La chanson de l'Africain”; “La mère du captif”; “Lucia”; “*Mater pénible*”; “Louange à Palmares” et à “Tragédie dans le foyer”, qui sont dans le livre posthume *Les esclaves*, avec l'objectif d'identifier quelles fonctions sociales exerçait la femme esclave

¹ Graduada em História pela UFPR e especialista em Literatura Brasileira e História Nacional pela UTFPR. Faz parte do corpo de pesquisadores na UTFPR no grupo "Discursos Luso-brasileiros sobre tecnologia, trabalho e identidades nacionais", atuando no grupo de estudos "Poesia: o humano, o social, o poético".

² Professor na UTFPR, com mestrado e doutorado em Estudos Literários pela UFPR. Faz parte do corpo de pesquisadores na UTFPR no grupo "Discursos Luso-brasileiros sobre tecnologia, trabalho e identidades nacionais", atuando no grupo de estudos "Poesia: o humano, o social, o poético". E-mail jpoletto52@gmail.com

dans l'optique de l'auteur Castro Alves, important poète de la Littérature Brésilienne. Le contexte de production de l'auteur pendant seconde moitié du siècle XIX et l'Histoire Nationale Brésilienne ont fallu pour décrire comme Castro Alves apporte les représentations de las noires dans les six poèmes. Il s'est conjointement cherché comparer les esclaves dans Castro Alves avec La esclave d'autres registres bibliographiques, tant de sources de la période que d'auteurs de nos jours ils lesquels abordent sur la question de la esclave brésilienne.

Mots-clés: Histoire Nationale. Littérature Brésilienne. Poésie. Siècle XIX. Je châtre Alves. Esclaves.

Dados iniciais

Na primeira metade do século XIX, em 1822, o Brasil conquista a sua independência, cortando os laços coloniais com a metrópole portuguesa. A partir desse momento decisivo na História do Brasil, surge uma nação nos moldes ocidentais de uma monarquia constitucional de base liberal e Dom Pedro I é aclamado imperador. Mas o modelo econômico da nova nação americana permaneceu inalterado: de produção agrária, monocultor, exportador e escravista.

A primeira Constituição Brasileira elaborada em 1824 estava assentada na ideologia liberal, que teoricamente considerava todos os cidadãos iguais e livres, no entanto mantinha-se a escravidão com base no direito de propriedade. Foi necessário que várias décadas passassem para que a situação se transformasse.

Ainda em 1880, o Brasil permanecia na lista de países que mantinham a instituição da escravidão. Havia manifestações, entretanto, demonstrando o descontentamento e a oposição à situação do escravismo, como no caso do baiano Castro Alves que alcançou proeminência nacional com seus versos de denúncia contra a escravidão e a injustiça, adquirindo caráter social e humanitário. A poesia de Castro Alves é um importante referencial para a História Nacional, pois reflete aspectos da organização sociopolítica do Segundo Império e da tradição brasileira caracterizada, desde o Brasil Colônia, como escravocrata, oligárquica e agropecuária.

Enquanto “poeta dos escravos”, Castro Alves também não deixou de contemplar em seus versos o sofrimento das figuras negras femininas e infantis. Neste trabalho, delimitaremos a figura da escrava, que durante o período de escravidão no Brasil esteve inserida no quadro produtivo de trabalho compulsório assim como o homem, com o diferencial de ser a maior encarregada da reprodução de novas gerações e que, no entanto, teve sua condição feminina negada enquanto mulher e mãe, na maior parte da história brasileira da escravidão.

A partir da leitura da obra póstuma intitulada *Os escravos*, de Castro Alves (1847 – 1871), publicada em 1883, doze anos após sua morte, analisaremos seis poemas: “A canção do africano”; “A mãe do cativo”; “Lucia”; “*Mater dolorosa*”; “Louvor a Palmares” e “Tragédia no lar”, os quais foram selecionados porque desenhavam lírico-epicamente o cotidiano das escravas durante a segunda metade do século XIX.

O objetivo deste trabalho é analisar as funções sociais presentes nos poemas escolhidos do livro *Os escravos* para compreender como Castro Alves entendia o papel da negra na sociedade de seu tempo.

Os seis poemas escolhidos do livro *Os escravos* representam o olhar do poeta sobre as mulheres negras escravas que ele observava em seu cotidiano e que descreveu desvelando seu meio e suas funções sociais, bem como as ideologias presentes na sua época através de seu discurso, durante a segunda metade do século XIX. Nesses poemas, Castro Alves trouxe à tona elementos excluídos da sociedade como especificamente as escravas, que eram consideradas geneticamente inferiores, sem alma e submetidas aos castigos físicos e morais durante todo o período do Brasil Colônia (1530 – 1822) e do Brasil Império (1822 – 1889).

Ao delimitar as representações da mulher negra na referida poesia, ingressamos no universo de mulheres que pertenciam a um segmento que foi explorado oficialmente durante três séculos e meio no Brasil e que também, por sua condição feminina, eram obrigadas a servir duplamente ao senhor, enfrentar a ira da senhora e não ter o direito de permanecer com os seus filhos.

Ainda para salientar a relevância deste estudo, destaca-se a Lei 10.639, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino Brasileiro a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a ser ministrada em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura Brasileira e História Nacional. Portanto, é enriquecedor estudar e discutir como o negro participou e contribuiu para a formação da sociedade brasileira, como é o caso deste trabalho que vincula a Literatura Brasileira à História Nacional.

Seguindo a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, temos a historiografia literária brasileira dividida periodicamente segundo o critério estilístico, e encontramos o poeta Castro Alves no contexto do seu período histórico e na corrente estilística a que pertenceu: o Romantismo. Para elencar a produção bibliográfica e o perfil temático dos poemas de Castro Alves, utilizaremos o livro *Castro Alves*, de Francisco Pereira da Silva.

O livro *Os escravos* será a fonte histórica de pesquisa, do qual analisaremos os poemas selecionados para identificar as funções sociais exercidas pelas escravas e descrever as representações na ótica de Castro Alves.

Por fim, para estabelecer a comparação entre as representações das negras em Castro Alves com as que são descritas em alguns estudos bibliográficos publicados, utilizaremos o livro de Sonia Maria Giacomini intitulado *Mulher e escrava: Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*, que esmiúça as tensões inerentes aos papéis sociais e sexuais da mulher escrava no Brasil, abordando a reprodução, a família, as mães-pretas, a mulher negra enquanto objeto sexual e as relações entre a senhora e a escrava. A outra fonte será o livro *A escravidão*, de Joaquim Nabuco, que o escreveu quando era estudante de Direito na segunda metade do século XIX e que foi contemporâneo a Castro Alves. Nabuco aborda o escravo no aspecto histórico, demográfico, jurídico e social, destacando a figura da mãe, do feto e do jovem. Em *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*, de Hebe Maria Mattos, a autora discute as relações entre identidade racial, escravidão e cidadania no Brasil oitocentista a partir da emancipação política do país em 1822. Já Affonso Romano de Sant'Anna em *O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia* aborda como a morte em Castro Alves é uma denúncia social e também realça a relação entre o poder econômico e o desejo sexual do senhor pela escrava.

O trabalho se pautará, portanto, em pesquisa bibliográfica de fontes e publicações científicas.

Para que a pesquisa se efetivasse, buscamos no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) teses e dissertações acerca das representações femininas e negras em Castro Alves, assim como as produções científicas sobre o livro “Os escravos”.

Relativo à temática feminina na poesia de Castro Alves, foram levantadas duas referências. A primeira, de 1999, em dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, Sara Moreira da Silva apresentou “A imagem da mulher na poesia amorosa de Castro Alves”. O trabalho está atrelado ao amor carnal e à mulher sensual no poema-lírico de Castro Alves em detrimento dos demais poetas de seu movimento. Em 2008, Maria da Soledade Oliveira Rios, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Feira de Santana, buscou os “Tipos Femininos na Lírica Amorosa de Castro Alves”, referentes à obra “Espumas Flutuantes”.

Relativo à temática negra e ao livro “Os escravos”, foram encontradas três referências. Em 2005, Christiane Maria Angélica Mesquita do Barreiro, em sua dissertação de

mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo, procurou identificar o fluxo histórico do escravismo na poesia de Castro Alves em “Ecos d’África: a poesia social de Castro Alves”. Em 2007, Sonia Maribel Muñoz Croveto, em sua tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada de “A sinfonia do sagrado em Castro Alves (Deus, Eros, e Mãe em ‘Os escravos’)”, buscou demonstrar como os textos poéticos arquitetam-se na desconstrução e reconstrução dos textos bíblicos. E no mesmo ano, Luiz Henrique Silva de Oliveira, em sua dissertação de mestrado: “A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito”, pela Universidade Federal De Minas Gerais, analisou comparativamente a representação do negro nas poesias de Castro Alves e de Luiz Silva Cuti e mostrou como a representação do negro passa de objeto a sujeito.

Esse levantamento oportunizou perceber outros focos de abordagem da poesia de Castro Alves, o que direcionou a presente reflexão para a visão do autor em questão sobre as escravas brasileiras a partir de sua realidade vivida na segunda metade do século XIX. Os poemas foram analisados e articulados com estudos historiográficos e antropológicos sobre o assunto, assim permitindo estabelecer simbologias subjacentes aos poemas.

Tratemos um pouco sobre o autor condoreiro cujo guia foi o “satirizador de tiranos e profeta de um mundo novo” (BOSI, 1972, p. 120) Victor Hugo, cuja produção foi marcada pelo caráter liberal, libertário e social, refletindo as tendências universais do século XIX.

Coincidindo com a infância e a juventude de Castro Alves, ocorreram diversas transformações sociais, como a emergência e a consolidação de correntes como o positivismo, o socialismo científico, o evolucionismo, o abolicionismo, o republicanismo. Ao mesmo tempo na América acontecia a Guerra da Secessão nos Estados Unidos e na Europa desenvolvia-se a segunda fase da Revolução Industrial que, em busca de novas matérias-primas e mercados consumidores, forçou paulatinamente o Brasil a findar com a escravidão através de leis, o que auxiliou no processo de decadência da Monarquia Brasileira.

A mão de obra escrava que se constituía como a base da economia brasileira desde a sua colonização e que foi utilizada durante séculos no país, passou a ser cada vez mais indagada a partir do Segundo Reinado. Esta mudança é decorrente do novo modelo capitalista que surgiu após a Revolução Industrial, que da Europa se expandiu até chegar aos países periféricos, como o Brasil, que era escravocrata e se apresentava dissonante do novo modelo econômico vigente, além disto, a manutenção da escravidão esbarrava no pensamento liberal. Assim, a Inglaterra pressionou pelo fim do tráfico negreiro realizado na América, no intuito de gerar novas formas de adesão aos seus produtos industrializados.

Dois anos antes do nascimento de Castro Alves, em 1845, os ingleses, através da Lei Bill Aberdeen, proibiram o comércio de escravos entre a África e a América, estando a marinha inglesa autorizada a aprisionar os navios negreiros em alto mar. No Brasil, em 1850, foi assinada a Lei Eusébio de Queiróz, que proibia o tráfico de escravos no país. Com o fim da Guerra do Paraguai em 1870, intensificaram-se os protestos desvelados pelo fim da escravidão. Com a pressão internacional e dos abolicionistas, no ano da morte de Castro Alves, o governo brasileiro cedeu às investidas, criando, em 1871, a Lei do Ventre Livre ou Lei do Visconde do Rio Branco, que alforriava os filhos das mulheres escravas nascidos a partir da aprovação da lei, mas sem que suas mães recebessem a mesma concessão.

A ama de leite de Castro Alves foi a escrava Leopoldina (ALVES, 1972, p. 10). A escrava que tivesse dado à luz poderia servir de ama de leite, na casa grande ou ser alugada para alguma família. Como Sonia Maria destaca: “para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe do seu próprio filho preto” (GIACOMINI, 1988, p. 57.), como aconteceu dentro da própria realidade do poeta, que aparentemente nunca percebeu divergências neste processo.

Moço, foi estudar na Faculdade de Direito do Recife que, nas palavras de Francisco Pereira da Silva, constituía-se em um “centro de efervescência intelectual, onde os novos conceitos sobre política, sociedade e escolas literárias são discutidos e divulgados” (SILVA, 2001, p. 54). Nesse período, ainda ecoavam os ideais da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, em um país em que a esperança de uma grande nação ainda estava por vir. Os intelectuais buscavam definir uma identidade nacional.

O Brasil, país periférico, absorvia as tendências europeias de forma tardia, que adentravam através das faculdades. Hebe Maria Mattos, assim como outros estudiosos, entende esse movimento como uma “simples importação artificial de ideias europeias, que para além da defesa do livre comércio, pouco se adequavam à realidade” (MATTOS, 2000, p. 8), já que muitos padrões externos eram incompatíveis com o contexto brasileiro ou eram adaptados conforme beneficiassem os grupos elitizados.

Através de seus poemas, Castro Alves denunciou a sociedade brasileira em seus costumes culturais, pois “ainda era a realidade que o cercava, o drama cotidiano: o escravo a trabalhar para o senhor, como um animal de tração, até a morte. E sem direito aos filhos. As ‘crias’ eram também produzidas para a fazenda do senhor” (SILVA, 2001, p. 90). O poeta era contra a crueldade cometida com os escravos, defendendo a dignidade de tratamento com o negro, valorizando a sua condição de ser humano. Assim era também Joaquim Nabuco, um intelectual que defendia a liberdade e combatia o caráter desumano do tratamento que era

dado aos escravos, que perdem seu descanso, seu sono, seu corpo, sua vida, seu sangue, sua alma e sua honra. Era contra o comércio da carne humana, embora desvelasse em seu discurso os preconceitos típicos de seu período como: “muitos senhores de escravos me contaram a maneira como suas escravas mataram o feto no ventre e iam enterrá-lo nas matas distantes. Isso tudo é a ausência do sentimento religioso, ajudada pela falta de instrução [...]” (NABUCO, 2010, p. 21).

Se por um lado as concepções liberais tomavam formas no Brasil durante a segunda metade do século XIX, por outro emergiam as construções pseudocientíficas que atrelavam as disparidades com a origem étnica, a partir da teoria do determinismo biológico e geográfico que naturalizava o quadro de desigualdade social.

O estudo

O poema “A canção do africano”, escrito no Recife em 1963 (ALVES, 1972, p. 50-52), remete à vida em uma senzala pequena e úmida, onde os escravos cantam e choram pela lembrança de sua terra natal. O poema é composto por duas partes. Na primeira os escravos estão acordados na senzala durante a noite e no segundo momento, é a hora de ir dormir.

Ao cantar, a escrava olha atentamente para seu filho, encarregando-se de realizar uma marca fundamental dentro da cultura negra: a transmissão oral. Esta tradição flui de uma geração para a outra. Ludicamente a escrava ensina sobre os costumes de seu povo, suas crenças e origens, através de mitos, toadas e cânticos. Mas durante o cantar da mãe “[...] o filhinho (se) esconde,/ Talvez p’ra não o escutar!” sobre as lembranças da terra de seus ancestrais e como eles vivam no passado em que se tinha liberdade, pois considerando a realidade em que vive a criança, dificilmente ela retornará à terra de seus pais ou conseguirá a sua alforria.

Em discurso direto, a escrava continua o seu entoar saudoso, mas o poeta deixa transparecer o seu nacionalismo através da fala da escrava: “Esta terra é mais bonita,/ Mas a outra é que eu quero bem!”, pois na terra brasileira existe a beleza natural, porém a família, a tranquilidade, a dignidade, a confraternização estão “lá bem longe”.

Nesse poema, há uma idealização da vida na África, pois lá todos eram felizes e, na lembrança, a escrava canta “Aquelas terras tão grandes,/ Tão cumpridas como o mar” tão diferente da realidade da negra de agora, que dorme na senzala amontoada com outros escravos. Todas as nações africanas escravizadas foram reduzidas às suas funções e serventias.

A escrava, ao cantar para seu filhinho, também demonstra outras manifestações culturais africanas: “Lá todos vivem felizes,/ Todos dançam no terreiro”, atrelando a religiosidade à expressão corporal e à felicidade do povo, diferentemente de como afirmou Nabuco sobre este assunto. Para ele “é um misto de superstições a religião dos negros” (NABUCO, 2010, p. 18) uma vez que o fetichismo africano foi mesclado com o catolicismo e toda a base moral africana é assentada no medo.

Em seu canto, a negra também deflagra a realidade socioeconômica e cultural do Brasil Império: “A gente lá não se vende/ Como aqui, só por dinheiro.”, pois os seus senhores são movidos pela ganância, desumanizando os negros, transformando-os em meros instrumentos de produção através de sua força de trabalho.

Na senzala, o negro se cala e a escrava para o seu pranto para que o seu filhinho não acorde, deixando-o sonhar. Nesse sentido, a mãe tenta proteger e amenizar a cruel realidade que cerca as pessoas que são castigadas pela escravidão porque possuem o estigma de sua cor.

O escravo vai se deitar, pois precisa levantar antes do sol nascer, do contrário “Teria de ser surrado,/Pois bastava escravo ser”. Todas as regras precisavam ser cumpridas com exatidão e elas se estendiam para todas as pessoas que dormiam na senzala e ao sinal da menor falha já eram torturadas. Assim como os homens e os animais, as escravas eram queimadas a ferro para indicar o proprietário.

A juventude da cativa era marcada pela iniciação no trabalho pesado, Nabuco, como testemunha ocular, descreve: “a escrava, essa, de quinze a dezesseis anos, às vezes, nos limites da puberdade, é entregue, já violada, às senzalas” (NABUCO, 2010, p. 37). A escrava é um ser que nasce sem honra, exposta à violência, sem proteção jurídica ou familiar. Torna-se de uso público, tem casamentos arranjados e desfeitos pelo senhor. Aos vinte anos, já está deteriorada pelo trabalho abrasivo, pelos açoites, pelas doenças que ficam sem tratamento, pela má alimentação e pelos sofrimentos da reprodução, como afirma Nabuco: “nada denota nela mais o caráter da mulher, que o do homem” (NABUCO, 2010, p. 37).

Dentro da senzala “[...] a cativa desgraçada/ Deita seu filho, calada,/E põe-se triste a beijá-lo”, temendo que o senhor vendesse o seu filho, pois os negros eram propriedade do branco, o qual estava capacitado a adquiri-los por compra, troca, doação ou herança, constituindo-se como direito alienável garantido pela lei.

Demos um passo adiante. Se no poema anterior há a apreensão da mãe pela perda do filho, agora a mãe, deliberadamente, ‘liberta’ o filho para que não seja escravizado. Escrito em 1865, no Recife, “*Mater Dolorosa*” (ALVES, 1972, p. 53-54), já no seu título estabelece uma intertextualidade com a Virgem Maria, que sofreu por ser mãe de Jesus e ainda viu seu

filho ir até o calvário e morrer na cruz. O mesmo ocorre com a escrava negra, que antes de seu filho morrer, sabe que ele irá sofrer. Ambas, Virgem Maria e escrava, apesar do sofrimento, compreenderam que chegou a hora da morte para seus filhos, assim como a mãe retratada pelo dramaturgo inglês Nathaniel Lee que aparece na epígrafe no início desse poema. Essa mãe prefere murmurar e lembrar o filho ao invés de chorar, pois também compreendeu que ele deveria morrer.

A negra, em sua profunda tristeza, sabe que o filho “[...] dorme o sono eterno/No berço imenso, que se chama – o céu” e roga que sua alma encontre um lugar onde se possa ter conforto, como ela deu ao filho. Ao chamar o céu de berço, a negra resigna-se com a morte do filho. Sabe que, mesmo estando em outro plano, “longe, tão longe vais de mim florir”, há a esperança de que o filho esteja melhor na morte do que na vida e, nesse sentido, a criança em vida é a extensão de seu sofrimento. O filho está morto defronte para si, deitado “nas folhas secas do sombrio chão!.../”, porque na visão da mãe, o mundo terreno só pode lhe oferecer dor.

Em “*Mater dolorosa*”, o poeta-homem-branco tenta colocar-se no lugar da escrava-mãe-negra que vive a angústia de sua condição social, dando voz a ela, uma mulher pertencente a um segmento oprimido e submetido aos interesses comerciais, familiares e sexuais de seus proprietários. Sonia Maria destaca que “a ocorrência de gravidez, maternidade e lactação transformavam-se em penalidade adicional para as escravas e os casos não infrequentes de abortos e infanticídios poderiam indicar uma dimensão de resistência escrava” (GIACOMINI, 1998, p.13), uma vez que o senhor branco passa a ser privado de uma de suas fontes de renda, ainda que primeiramente signifique uma situação extrema de desesperança.

Nesse poema, Castro Alves traz à tona o dilema moral de uma mãe que prefere sacrificar sua criança ao saber que a sua sina é ser escravizada. Será que uma mãe prefere a morte do filho ao sofrimento?

Mesmo com dor, ela diz “filho, sê livre... Sou feliz assim.../” e pede: “perdão, meu filho... se matar-te é crime.../ Deus me perdoa... me perdoa já.”. Dentro de uma visão branca, cristã e dominante, ela busca na morte do filho e na força divina a resignação e a absolvição de ter levado o seu filho à morte. Como coloca Affonso Sant’Anna: “Nesse sentido, a ‘morte’ passa a ser o seu oposto, sinônimo de ‘liberdade’ e ‘salvação’” (SANT’ANNA, 1987, p. 60). Assim, “o poema de Castro Alves é o do protesto através da morte” (SANT’ANNA, 1987, p. 54), dirigindo-nos para um olhar singular, em que a mãe, ao matar o filho, oferece-lhe uma situação mais digna que a escravidão.

O medo é menor que a morte, a morte menor que a ausência e a escravidão, pois a perda do filho leva à loucura da mãe. Escrito no Recife em 1865, “Tragédia no Lar” (ALVES,

1972, p. 65-77) retrata uma africana sentada no chão da pequena senzala úmida, embalando o seu filho e cantando lentamente. A criança ri com o gesto da mãe, mas se assusta com os barulhos que vêm de fora. A negra é a protetora que dá suporte às inseguranças do filho. A mãe canta para o menino não chorar. Inocente, a criança não entende o sentido do canto lamurioso que vem “do fundo, materno olhar”.

Em discurso direto, a mãe canta: “feliz da araponga errante/ Que é livre, que livre voa”. A negra deseja ser a ave, que tem o domínio dos céus e da liberdade e quer ser a araponga que, além de ser um representante da fauna brasileira – o que enfatiza o nacionalismo – , faz longos voos migratórios.

Em outro trecho, a negra continua: a araponga “canta longe do caminho/ por onde o vaqueiro trilha”. Ao cantar longe, a araponga desvia a atenção do vaqueiro sobre seu ninho e afasta-o do local onde está o filhote, protegendo-o. Assim também gostaria de ser essa mãe escrava, a fim de poder salvar seu filho. A canção antecipa a possível tragédia, pois a mãe não é a araponga. O vaqueiro é a pessoa que conduz os animais e tem o comando sobre o que está nas extensões de seu pasto, assim como o senhor que tem a posse de um grupo de escravos e faz com que eles obedeçam às suas ordens.

A araponga “se quer descansar as asas/ Tem a palmeira, a baunilha”, ao contrário da realidade da vida da escrava, que é obrigada a trabalhar exaustivamente e que não tem a palmeira, não tem propriedade privada ou algo que lhe pertença, não tem a possibilidade de preservar os seus amores, não tem alguém que a receba, assim como a palmeira acolhe a araponga. A araponga “tem as campinas, [...]”, que são extensas, diferente da “[...] senzala, úmida, estreita”. Tem também “[...] as flores”, ou seja, a alegria e a vivacidade. Já a negra não tem mãe, filhos, lar ou flores, pois em sua vida de escrava os laços familiares e afetivos são dissolvidos pela ambição econômica de seu dono, que compra e vende humanos. Assim ainda “o ventre da escrava é explorado, não apenas como o lugar do desejo erótico, mas também como espaço onde se consubstancia o poder econômico” (SANT’ANNA, 1987, p. 49). A escrava era utilizada para produzir mão de obra, mas também era objeto sexual, local de satisfação do senhor e reprodutora de escravos, o que tornava lucrativa a instituição da escravidão, uma vez que havia a junção da prática social do poder com a do prazer.

O canto é interrompido pela chegada de homens de “sinistro olhar”. Na senzala, a negra é indagada “o que nas dobras do vestido ocultas?”. O olhar desconfiado do branco leva a mãe a aumentar as suas cismas e medos, pois ela sabe que os homens que chegaram representam perigo para o filho. A escrava ouve do branco “tens a noite no corpo, a noite na alma/ Pedra que a humanidade pisa calma”. Ao ser tratada desta forma, o poeta demonstra que

essa mulher não tem saída. O racismo está presente nas relações. Pelo fato de ser negra, a mulher foi inferiorizada e hostilizada, sem que o branco sentisse remorso por isto, pois dentro da ideologia racista na sociedade brasileira, isso era natural, mesmo às vésperas da queda da escravidão.

Manifestando abertamente sua adesão à causa antiescravagista, o poeta intima:

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Que o teu vestido bordado
Vem comigo, mas ... cuidado ...
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Este chão é manchado pelo suor e pelo sangue, mas também marcado simbolicamente pela cobiça que garantiu o desprezo das diferenças étnicas, pelos maus tratos e pela submissão sexual forçada de que as negras da senzala eram vítimas. Nessa parte o poema critica os soberbos e os complacentes e convida: “vinde ver como rasgam-se as entranhas” da nova raça de prometeus. Essa figura mitológica grega roubou o fogo, representando a busca pelo conhecimento. Ao entregá-lo para os mortais, recebeu um castigo eterno: ficar acorrentado, enquanto era consumido em vida por uma águia que devorava seu fígado. Assim como os escravos são mortos em vida pelos senhores. Esta nova raça tem a sua alma assassinada diariamente “... nos vivos mausoléus”, sepulcros conhecidos como senzalas. Como afirma Sant’Anna:

[...] a senzala, como espaço associado ao espaço da casa-grande, significa também o espaço segregado para o exercício impune e violento do sexo. A senzala e o corpo escravo, enfim, vão ser a válvula de escape das tensões acumuladas na casa-grande. (SANT’ANNA, 1987, p. 53).

Nesse sentido, o senhor exerce a sua posse econômica e social por meio da subjugação erótica. Assim as escravas tinham sua sexualidade atrelada às determinações de seu segmento, que vivia oprimido pelo domínio patriarcal.

E a “negra serpe, que enraivada,/ Morde a cauda, morde o dorso,/ E sangra às vezes piedade,/ E sangra às vezes remorso?...”. Assim, pela revolta em aceitar a situação de escrava, reprodutora e objeto sexual, a negra chega aos liames da loucura, entra em conflitos consigo mesma. Tem piedade da situação dos companheiros e da progênie, mas sente pesar por nada poder fazer além de submeter-se às imposições para poupar sua vida e a de outros; se

extrapola as barreiras e comete atos fora dos da entrega submissa, trará mais sofrimento físico e emocional.

Na senzala, o senhor exige da negra o seu filho, informando aos compradores “é forte, de uma raça bem provada”, indicando a prática de distinguir as etnias africanas, conforme as aptidões. A mãe, interpretada pela voz do poeta, demonstra-se convertida aos valores brancos, roga “a virgem santa” e em seu desespero materno implora: “deixai meu filho... arrancai-me/ Antes a alma e o coração”, já que o filho é o único conforto para quem não tem mais a pátria, o lar, a honra, a alma. O desespero leva a mãe a agir de modo tempestuoso, quer “morder os cães que o morderam...”. E como em uma virada de jogo, em defesa do pequeno que ainda nem fala, a mãe negra enfrenta com ira os homens brancos, mas eles, com seus “punhais traiçoeiros”, matam outros negros que querem ajudá-la. Os compradores levam a criança “a chorar” e a mãe vai para o tronco e endoidece.

Escravos também eram negociados em anúncios de jornais, para venda ou aluguel, podendo a escrava ir sozinha ou com seus filhos. Sonia Maria recupera em fontes da época, como o *Jornal do Comércio* publicado em 24/07/1850, propagandas oferecendo mães escravas: “Na rua Espírito Santo há uma ama-de-leite para alugar, parida de 8 dias, sem pensão do filho.” (GIACOMINI, 1988, p. 54). Assim, para mãe e filhos se manterem juntos, dependia da escolha do comprador ou locatário em ficar ou não com os filhos. Mulheres e crianças que tinham uma relação maternal ficavam em função do comércio humano e das necessidades dos brancos. As escravas com seus filhos tendiam a possuir um menor valor, uma vez que os pequenos não realizavam nenhuma atividade braçal e, por outro lado, geravam gastos, ainda que ínfimos.

No período da escravidão brasileira, as amas de leite eram vistas como inoculadoras de má educação nas crianças, por possuírem uma cultura de raízes africanas, diferente da dominante e terem grande contato com os filhos do branco. Desse modo, a escrava negra, por sua condição de mulher, desempenhava diversos papéis indispensáveis dentro do universo do trabalho, mas era hostilizada pela família senhorial justamente porque, para desempenhar muitas destas funções sociais, era necessário estar dentro do circuito interno da casa grande como cozinheira, ama de leite, mucama e, assim, foram apontadas como deturpadoras do núcleo familiar branco.

“A mãe do cativo” (ALVES, 1972, p.120-123), escrito em 1868, começa com uma epígrafe de duas estrofes do poema “A mãe polaca”, do poeta Mickiewicz. Essa epígrafe estabelece uma intertextualidade com a Virgem Maria que, ao pressentir o destino de seu filho, tenta resguardá-lo. Aqui é a vez do eu-lírico advertir a mãe e propor-lhe não um canto

de recordação saudosa de uma terra distante, nem a esperança de uma vida feliz, mas antes prepará-la para as desgraças que a vida lhe reserva.

O poema, dividido em três partes, representa a negra como a mãe zelosa, que balança sua criança na rede amarrada entre os galhos, mas para o poeta, melhor teria sido se a mãe tivesse cavado a cova para o seu filho, a fim de que ele fosse poupado do destino de dor e sofrimento.

Dirigindo-se a essa mãe, após trabalhar o dia inteiro, diz a voz lírica: “[...] fias à noite/ As roupas do filho na choça de palha!”. E mais uma vez a voz lírica acredita que antes melhor fosse tecer um pano branco de mortalha para envolver o corpo do pequeno.

Essa mãe também é detentora do conhecimento de mundo e responsável por passar ensinamentos, pois explica “que existem virtudes e crimes no mundo”. Essa mulher negra que transmite os valores morais é igualmente conselheira, recomendando ao filho “que evite dos vícios o abismo profundo...”.

Ela também ocupa o papel social de motivadora, insuflando esperança para que isso seja um conforto revigorante aos mais novos, ainda que na visão do poeta, essa mulher negra é “[...] louca, (porque) sacodes nesta alma, inda em trevas,/ O raio da espr'ança... Cruel ironia!”. Ironia que surge na impossibilidade de o cativo ser tratado com igualdade e ocupar o mesmo patamar de um branco dentro de uma sociedade escravocrata, como era a brasileira. A negra escrava desenvolve no filho a reflexão e os valores humanos como a sensibilidade, ao passo em que, para a manutenção da hierarquia escravocrata, os brancos, através da justificativa ideológica, inferiorizam-nos por serem dóceis; logo, domesticáveis e, portanto, mereciam ser tratados como animais.

O poeta roga para que a mãe escrava não desperte na alma do filho a palavra e as ações de Jesus, o “[...] Martir da Cruz!”, porque o seu filho já vive em uma desgraça, dessa forma melhor “que morra sem luz”, na ignorância e na inesperança ao invés de carregar na alma o desejo de liberdade que talvez nunca possa experimentar.

O poeta, constatando a realidade, com ironia sugere à mãe do cativo: “ensina a teu filho – desonra, misérias,/ A vida nos crimes – a morte na dor.”. Ela deve cantar e assim ensinar aos filhos, também escravos, que aprendam a ser covardes, mesmo sendo escorraçados; que se acostumem com a vida de sofrimentos; que se desonrem ao não reagir ao ver a irmã sendo abusada; que aprendam que o árduo trabalho é recompensado com açoitões e uma rala alimentação; que aprendam a dormir no desconforto do chão; que os jovens saibam da impossibilidade de se manter um amor e que o marido entenda que sua mulher pode ser estuprada pelo senhor. Se a negra ama, ela deve ensinar aos seus, desde pequenos, o

sentimento de resignação “ou tece(r)-lhe o pano da branca mortalha”, porque dentro da estratificação social só lhes cabe a subserviência ou a morte.

Finalmente a prova de que não há prêmio para o escravo, pois, mesmo explorado e vendido, sente vergonha de não estar à altura de seu senhor. O poema que segue apresenta o contraste entre as vicissitudes felizes da vida infantil e juvenil sem significativo preconceito e a deterioração de toda a esperança proveniente das conveniências sociais e da manutenção econômica. O poema “Lúcia” (ALVES, 1972, p. 153-159) foi escrito em abril de 1868, em São Paulo. De cunho amoroso, o poeta traz a exaltação da natureza logo no primeiro verso “na formosa estação da primavera”, período do ano que tem como características o renascimento, a juventude, a beleza, a alegria, assim como é a escrava Lúcia. O eu-lírico e Lúcia corriam como “[...] - crianças”, indicando a pureza e a inocência da relação entre os dois, que passeavam nas dependências da fazenda: no pomar, na cachoeira, na plantação.

O poeta a descreve: “Morena...esbelta...airosa, eu me lembrava”. Ela era leve, bela, alegre, graciosa, meiga e seus olhos negros foram comparados às “[...] plumas noturnas da grauna/” e “sua boca era um pássaro escarlate,/”. Os seus cabelos também eram descritos com suavidade, eles eram “[...] anelados/”. Carinhosa com a família e tão amada pelo eu lírico, que passou do estado da paixão para o amor paternal, como vemos nos versos: “que te queria tanto e que te amava/ Como se fosses filha e não cativa”.

Diferentemente dos demais poemas, a figura feminina dessa escrava é idealizada como uma mulher branca, no entanto, Lúcia não é ambicionada com desejo carnal, pois “a liberdade do poeta (Castro Alves) nas relações amorosas com as mulheres brancas se complementa na luta contra a opressão erótica de negras e negros.” (SANT’ANNA, 1987, p. 50).

A escrava Lúcia ocupava um papel diferenciado dentro de seu universo, pois era a alegria da fazenda e “tua senhora ria-se, contente,/Quando enlaçavas seus cabelos brancos/”. Desse modo, há uma suavização da realidade escrava, levando a crer que havia relações harmônicas entre senhores (as) e escravos. Na verdade, ela era como um bobo da corte, que, enquanto nada perturba a paz, provoca o riso e a alegria no ambiente.

Tempos depois, em um período de dificuldades, Lúcia precisa ser vendida. O poeta nesses versos amorosos retrata, dentro da perspectiva dos grupos dominantes, o modo como é a vida dessa escrava: “foi preciso te ergueres do banquete/ Deixares teu lugar aos mais convivas.../”. Assim, entende-se que a cativa era bem alimentada e adorada por todos, não causava invejas ou estabelecia diferenças. A vida escrava nesta fazenda não gerava sofrimento e o tratamento oferecido a todos era digno. Até os animais estavam em harmonia: “cantava o

galo, alegre no terreiro”. Isso tudo, entretanto, contrasta com a atitude adotada de vendê-la. Se fosse realmente igual, por que ser vendida?

Lúcia, antes de partir, despede-se da natureza e sofre por saber que nunca mais irá retornar àquela terra, emergindo um sentimento de apego ao solo, afirmando amar aquela terra. Sim, certamente se trata de uma condição não tão agressiva da escravidão, mas ainda escravidão.

Na parte final no poema, denominada de epílogo, há o reencontro do eu-lírico com Lúcia, em uma estrada do sertão. Lúcia está magra, pálida, triste, maltratada. Foi reconhecida, pelo seu cantar, que era agora pesaroso. Perdeu o brilho da juventude. Ao ser chamada, Lúcia ficou feliz e ao mesmo tempo extremamente envergonhada da condição degradante em que ficou com o passar dos anos e pelo pesado trabalho. Acaba por fugir no meio da mata, como se fosse culpada. Nada foi feito pelo homem que se dizia apaixonado para resgatar a escrava. Foi Lúcia que teve que ceder seu lugar à mesa para que os demais pudessem continuar o banquete. Ou seja, a aparente harmonia na fazenda e a relação de fingida igualdade entre senhores e escrava se desfizeram, assim que a necessidade apertou. Lúcia, portanto, nunca fora tratada como igual, ela representava apenas um enfeite à mesa, pois era bela e agradável, como uma boneca que se movia, mas não como ser humano.

“Saudação a Palmares” (ALVES, 1972, p. 168-170) foi escrito em 1870, na Fazenda de Santa Isabel. O poema traz grande exaltação à natureza e revela o Brasil como o país onde há grandes contradições: “Salve! – país do bandido! / Salve! – pátria do jaguar!”, indicando que aqui se esbanja exuberância natural, terra onde vive a onça-pintada, mas onde também falta o senso de equidade, de justiça e da aplicação das leis, o que criou uma das faces da identidade nacional brasileira: a do “jeitinho”, em que para tudo se pode fazer um contorno. Pode-se aceitar a escravidão, em uma sociedade com princípios liberais. Pode-se inferiorizar as pessoas para justificar o lucro do comércio escravo. Pode-se açoiar para garantir a obediência e manter a ideologia racista. Pode o senhor abusar da negra e o mulato viver entre a senzala e a casa-grande, como escravo.

Palmares é a “[...] região dos valentes”, o quilombo que entre todos é o mais conhecido como centro de resistência negra à escravidão no Brasil, estabelecido na Serra da Barriga, onde hoje é o município de União dos Palmares, em Alagoas. No poema de sete estrofes, praticamente duas são dedicadas à mulher escrava, o que, em relação ao período histórico de Castro Alves, era uma ousadia.

Lá em Palmares, a crioula de seio escuro respeita a sua dignidade, pois “nunca deste ao beijo impuro”. Não cede aos desejos dos homens e nem usa de sua feminilidade em troca

de benefícios, porque se guarda para um nobre amor. Lá as mulheres fugidas são aclamadas de “negra Diana selvagem”. Na mitologia grega, Diana era a deusa da lua e da caça e conhecida como deusa pura, por ser virgem, assim também é a negra dos Palmares.

A negra é amazona – guerreira da Antiguidade e da América do Sul – que bate e luta. A mulher defende esse espaço de liberdade como o homem, combatendo. Homens e mulheres são tratados como iguais. A mulher negra assim mostrada é ideal: suas formas são saudáveis e belas, seus valores não são profanos. Elas são sublimes, comparada a Diana e às amazonas – mulheres guerreiras e livres. Numa condição de liberdade, portanto, a mulher negra não difere da branca, pois tem nobreza, valores, dignidade e talvez seja até vista pelo poeta com mais liberdade que a mulher branca.

Considerações finais

A linguagem grandiloquente de Castro Alves em sua poesia abolicionista é um sinal de que a denúncia que faz não caberia em palavras comuns. Na sua poesia marcada pelas hipérboles, antíteses e metáforas está a luta abolicionista de Castro Alves, a qual se insere dentro do ideal democrático, que traria a igualdade entre os homens através da República. A queda da monarquia levaria consigo suas instituições, entre elas a escravidão. Ainda que em seus versos ou nos textos de seu contemporâneo Joaquim Nabuco transpareçam ideias defasadas e ideologias pertencentes aos grupos dominantes, podemos compreender que, mesmo enquanto homens de seu período e influenciados por condicionantes maiores, havia um ideal ousado de tentar findar com a escravidão através do engajamento e da denúncia da realidade.

Em decorrência de sua condição de escrava, a mulher negra tinha que desempenhar as mesmas atividades que o homem escravo negro; assim como estava passível de ser vendida, comprada ou alugada para exercer diversas funções. As mulheres negras, entretanto, ocupavam um papel diferenciado pelo seu valor reprodutivo, pois geravam lucros ao senhor e davam continuidade às gerações escravas. No entanto, não recebiam um tratamento diferenciado pela sua condição de mãe, ou seja, as negras não eram respeitadas ou ganhavam momentos para se recuperar após o parto. A dureza condicionava as escravas a praticarem de abortos a infanticídios, que tinham como meta poupar uma vida de sofrimentos e ferir o domínio do senhor como forma de resistência. Esta visão era compartilhada por Castro Alves que enfatizou que a morte é melhor que a escravidão.

A mulher, em função de seu aparato biológico, desempenha o papel central da reprodução. Embora não explicitado pelo poeta nos poemas analisados, a mulher negra possui funções singulares dentro da sociedade escravocrata brasileira como, por exemplo, ser ama de leite e objeto sexual.

A relação parental ficou anulada, em decorrência da negação dos negros enquanto seres humanos dotados de subjetividade, logo seus sentimentos e afeições tornaram-se insignificantes. Embora no poema “Canção do africano” apareça a figura masculina, nenhum homem é identificado como irmão, pai ou marido das negras, indicando o desmembramento provocado pelo escravismo que impossibilitava, com raras exceções, as relações sociais duradouras.

As escravas retratadas por Castro Alves são humanizadas e sensíveis, sofrem mais em sua maternidade do que em sua condição escrava, demonstrando a empatia pela situação de suas crianças. Como poeta romântico aborda a natureza e a mulher, às vezes ambas idealizadas, dissonando da realidade, como no caso da escrava Lúcia que foi retratada através de uma perspectiva dos grupos dominantes, os quais tentam suavizar os procedimentos escravistas. Já em “Saudação a Palmares”, a mulher escravizada na senzala é retratada com grande diferença da que vive no quilombo sendo livre. A negra livre despe-se da aura maternal e irradia coragem e beleza.

O grande mérito social de Castro Alves nessa poesia sobre a escravidão foi revelar no ser negro, o humano, que a sociedade escravocrata queria suprimir. A ideologia romântica não poderia mostrar de modo menos apaixonado e vibrante as cenas dramáticas e até macabras da realidade escravista, e Castro Alves ainda menos, pois de todos os escritores desse tempo, foi o que abordou com mais clareza e empenho as condições das mulheres negras escravas.

Referências

ALVES, Castro. *Os escravos*. São Paulo: Martins, 1972.

BARREIRO, Christiane Maria Angélica Mesquita do. *Ecoss d'África: a poesia social de Castro Alves*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BRASIL. **Casa Civil**: Lei n° 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em: 19 jun. 2011.

CROVETO, Sonia Maribel Muñoz. **A sinfonia do sagrado em Castro Alves (Deus, Eros, e Mãe em ‘Os escravos’)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava** : uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Batel, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal De Minas Gerais, 2007.

RIOS, Maria da Soledade Oliveira. **Tipos Femininos na Lírica Amorosa de Castro Alves”, referentes à obra ‘Espumas Flutuantes**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SILVA, Francisco Pereira da. **Castro Alves**. São Paulo, SP: Três, 2001.

_____. SILVA, Sara Daniela Moreira da. **A imagem da mulher na poesia amorosa de Castro Alves**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, 1999.